

## LENITA: um livro não *amado*

Maria das Graças Nunes Cantalino<sup>1</sup>

Universidade do Estado da Bahia

Ricardo Henrique Resende de Andrade<sup>2</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Qual gênio não salvou suas infâncias?*

*Mauraux*

### RESUMO

Neste artigo esboça-se uma reflexão sobre o destino de um livro que nasceu da experimentação literária juvenil de três autores baianos entre o final da década de 1920 e o início da década de 1930. Como efeito de uma receptividade negativa na época, esse livro quase deixou de existir. Poucos brasileiros, medianamente ilustrados, conhecem hoje *Lenita* de Jorge Amado, Edson Carneiro e Dias Costa. Ao que tudo indica essa publicação pouco agradou aos leitores do período e, certamente, menos ainda aos autores que perpetraram um silêncio sobre a obra e isto, por pouco, não culminou em sua absoluta extinção material. A importância daquele livro para a história cultural da Bahia depende, entre outros fatores, da manutenção física dos raros exemplares restantes ou, quiçá, da reprodução do seu conteúdo textual num suporte qualquer. O caso dessa publicação é paradigmático de um tipo de experiência cultural recorrente: o juízo estético de um determinado contexto histórico aniquila, por vezes, tudo aquilo que considera indigno de uso, de proveito e de finalidade, destruindo qualquer acesso possível para se restituir uma narrativa histórica sobre o objeto. A questão que essa obra nos impõe é a de saber com que tipo de razões justifica-se a permanência ou o desaparecimento dos objetos de uma cultura. Assim, o livro raro surge diante do testemunho do leitor, como produto de sua argumentação na defesa do valor e do significado do livro para cultura. Caberá sempre ao interessado, pesquisador ou leitor dileitante, recuperar no documento silenciado a inteligibilidade produtora de novos sentidos.

**Palavras chave:** Livros raros. Cultura–filosofia. Literatura-história e Crítica.

---

<sup>1</sup> Especialista em Novas Tecnologias em Arquivo pela UNEB, bibliotecária do Centro de Documentação e Informação Cultural – Cedic-BA da Fundação Clemente Mariani, membro e fundadora do Grupo de Estudos da Raridade Documental – GEIRD.

<sup>2</sup> Professor de Filosofia da UFRB, pesquisador do ENTRELACE/CFP/UFRB e fundador do Grupo de Estudos da Raridade Documental – GEIRD

## RÉSUMÉ

Cet article présente une réflexion sur le destin d'un livre né de l'expérimentation littéraire de jeunesse de trois auteurs bahianais entre la fin des années 20 et le début des années 30 du vingtième siècle. Suite à un accueil négatif à cette époque, cet ouvrage a presque cessé d'exister. Peu nombreux sont les Brésiliens, détenteurs d'une formation scolaire moyenne, qui connaissent aujourd'hui LENITA de Jorge Amado, Edson Carneiro et Dias Costa. Selon toute apparence, cette publication n'a que peu captivé l'attention des lecteurs de l'époque et certainement encore moins les auteurs, dont le silence perpétué à l'encontre de cette oeuvre a presque généré son extinction matérielle totale. L'importance de ce livre pour l'histoire culturelle de Bahia, dépend, entre autres facteurs, de l'entretien des rares exemplaires restants ou peut-être encore de la reproduction de son contenu textuel sur quelconque autre support. Le cas de cette publication est celui d'un paradigme d'un type d'expérience culturelle récurrente : le jugement esthétique d'un contexte historique déterminé, qui annihile, parfois, tout ce qui est considéré comme indigne d'usage, et le jugement esthétique du bénéfice et de la finalité, détruisant tout accès possible à la restitution d'un récit historique d'un objet. La question que nous impose cette oeuvre est de savoir quel est le genre de raisons qui justifient le maintien ou la disparition des objets d'une culture. C'est ainsi qu'un livre rare vient avant le témoignage du lecteur, comme produit de son argumentation en défense de la valeur et de la signification du livre pour la culture. Incombe à la personne concernée, chercheur ou lecteur amateur, de récupérer dans le document silencieux l'intelligibilité productrice de nouvelles significations.

**Mots-cle:** Livres rares. Philosophie de la culture. Littérature brésilienne.

## UM CASO DE RARIDADE OU FRACASSO LITERÁRIO?

Escrever um livro é como lançar à posteridade incerta uma promessa, é como fincar sobre o sulco da terra uma semente que adivinhará por certo em qual primavera medrará. Muitas vezes o solo árido de uma cultura não permite que uma obra germine. Não lhes dão nesse espaço atenção e cuidado, não lhes decifram nesse tempo o oculto de suas promessas. Acontece amiúde de certas obras conhecerem o seu crepúsculo derradeiro antes mesmo de brotarem no seio de uma cultura os sinais que justificariam sua existência. Isto ocorre quando as obras desaparecem por completo, quando não restam mais exemplares ou outros quaisquer registros do que foi escrito.

Se uma obra deixa de existir fisicamente (ou mesmo virtualmente, lembrando a armazenagem eletrônica das informações), ainda que restem sobre ela comentários e lembranças, estará indisponível a uma apreciação mais apurada, capaz de engendrar novas interpretações. Nenhum esplêndido testemunho substitui plenamente o acesso direto ao texto. Quando um livro (ou uma edição) chega ao limite de sua extinção, quando estão praticamente

esgotados os suportes onde se assentam as palavras, temos aí um caso especial de *raridade*. E a atitude mais responsável que os agentes de uma cultura deverão ter face à possibilidade de desaparecimento do conteúdo de uma obra, é a de reunir todas as condições para preservá-la. Dar-lhe a chance de servir, pelo menos, como documento da história.

O que fará próprio designar por *rara* uma obra não é apenas a sua escassez material, a sua pouca disponibilidade numérica; nem somente o seu pertencimento ao mais remoto dos tempos. Estes atributos incorporam à obra um valor ao menos museológico, que também é de fundamental importância. Todavia, será a demanda cultural, ou seja, o interesse social de pessoas, doutas ou não, que uma vez manifestado pela obra constituirá a experiência que a nossa linguagem acolherá sob o signo de *raro*. E este acontecimento, ainda que possa ser constatado, não será jamais mensurado, nem previsível tendo em vista o futuro. Não podemos afirmar, no presente, nada sobre a importância futura de um livro. Um livro tornar-se-á *raro*, em um determinado momento histórico, quando pessoas ou instituições ‘autorizadas’ demarcarem, partindo dos critérios em que definem os seus valores, o que consideram importante, valioso e digno de distinção; e mesmo para além desse regime de construção, o livro é apropriado pelo gosto público, livre e arbitrário, e assim também se faz precioso, raro e único para aqueles que simplesmente o estimam.

Deve-se lembrar que um livro poderá ser entendido como um objeto singular, individualizado, único. Se o seu *conteúdo* já estiver a salvo em inúmeras edições, a justificativa do seu valor de *raridade* poderá recair então sobre a sua dimensão objetual, suas marcas particulares, seus traços históricos. De um livro poderá ser dito que é “raro quando se trata de uma primeira edição já pouco disponível, ou de uma edição especial e muito limitada, ou até mesmo por possuir uma dedicatória de um autor conhecido ou o nome de um possuidor ilustre” (PINHEIRO, 1989). A raridade é uma construção cultural e discursiva que não se relaciona com suposto valor íntimo ou essencial dos objetos, mas antes com um valor que é engendrado na economia de nossas trocas simbólicas. A raridade é produto do entusiasmo humano culturalmente contextualizado e bem argumentado, é um dos modos de se afirmar que essa ou aquela coisa tem valor, que é importante, enfim, que vale a pena preservá-la.

A edição de *Lenita* - que se encontra no acervo de obras contemporâneas especiais do Centro de Documentação e Informação Cultural sobre a Bahia (Cedic-BA), da Fundação Clemente Mariani (FCM) - é um caso de *raridade*? Como firmamos, raridade decorre da importância atribuída ao objeto. Não sendo a raridade um atributo do próprio objeto, só se

poderá produzi-la como conseqüência de um acordo público argumentativamente mediado. Para admitir aquele livro como um caso de raridade deve-se expor, discursivamente, as razões que sustentariam, de modo razoável ou verossímil, atribuição desse epíteto que funciona como um indicador do que deve ser lembrado e preservado.

O que tornaria, afinal, *Lenita* uma raridade digna de ser lembrada, estudada e, antes de tudo, preservada? Trata-se de um livro escrito e autografado por três distintos autores, sendo a primeira obra publicada de todos eles e o mais importante: uma edição única, da qual restam provavelmente pouquíssimos exemplares<sup>3</sup>. Por outro lado, a publicação em seu tempo rendeu críticas pouco elogiosas do seu público leitor, inclusive dos próprios autores que trataram de esquecer e apagar quase todos os vestígios da existência dessa obra.

Essa novela de doze capítulos foi originalmente escrita para ser publicada em *O Jornal*, da Bahia, em abril de 1930, e foi editada em livro por A. Coelho Branco Filho no Rio de Janeiro, em 1931<sup>4</sup>. Alternando a autoria dos capítulos, Dias Costa, Edison Carneiro e Jorge Amado – o primeiro com 22 anos e os outros dois com 17 anos (completos até a data mais provável da primeira publicação do folhetim) –, escrevem uma novela que lhes renderam na época, da mais generosa das críticas escrita por Alves Ribeiro, parceiro de copo do bar Brunswick. Eis *singelo* comentário: “É, pois um livro que não recomenda o talento dos autores, capazes de trabalho de maior vulto e mais nobre finalidade” (RIBEIRO, 1931). Outras críticas foram, para dizer com eufemismo, menos delicadas: “pura abominação” (MEDEIROS E ALBUQUERQUE apud TATI, 1961, p. 20).

Aliás, nem os próprios autores foram condescendentes com o livro, que consideraram uma fracassada incursão juvenil no universo literário. Nas palavras de Jorge Amado: “É também a cerveja do bar Brunswick responsável por uma miserável novela... um dos piores livros já escritos no Brasil” (idem p. 20). Ora, com uma recusa tão contundente do próprio

---

<sup>3</sup> É muito provável que o exemplar do Cedec-BA seja um dos pouquíssimos restantes. O exemplar encontra-se em avançado estágio de acidez e está atualmente no laboratório de restauro da FCM. Seria muito difícil precisar quantos exemplares ainda existem. Fomos informados pelo historiador e acadêmico baiano Waldir Freitas de Oliveira da existência de mais três exemplares: um pertencente ao seu acervo (doador pela Sr.<sup>a</sup> Carneiro), um outro que pertence ao médico Newton Bastos, filho do poeta Elpídio Bastos (de quem herdou o exemplar) e ainda um terceiro, de propriedade do acadêmico baiano Waldemar Matos.

<sup>4</sup> Há algumas controvérsias em torno da data de publicação da novela no jornal e em livro. Especula-se também que a data da publicação tenha sido entre 1929 e 1931. Cf. COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galete de (Orgs.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. v.1 p. 472; Cf. RUBIM, Rosane; CARNEIRO, Maried (Orgs.). *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*. Salvador: FCJA, 1992. p. 33; Cf. TATI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. p. 20.

escritor deve ter sido difícil sustentar o valor literário da obra, contudo, não se pode olvidar a importância do valor histórico, para a própria literatura, dos textos de juventudes desses autores que um pouco mais tarde se tornariam personalidades festejadas no universo cultural do século XX.

## LENITA

Mas, afinal, de que trata mesmo essa novela escrita por três jovens que se diziam pertencer a uma certa *Academia dos Rebeldes* e que participaram ativamente do cenário cultural baiano em finais dos anos vinte? Com pseudônimos de Glauter Duval, Juan Pablo e Y. Karl (Costa, Carneiro e Amado, respectivamente) revezaram-se sucessivamente, naquela ordem, na composição do enredo. Segundo o próprio Amado, a concepção da novela não seguiu nenhum plano ou esqueleto. Os capítulos seriam publicados no jornal à medida que fossem escritos. Os personagens da novela são tipos pervertidos como a magra e sensual Lenita; Alberto Neves e sua amante intempestiva Saxe; os noctívagos Farias, Gomes e Guedes; José Menéndez, o arquiteto vagabundo e drogado; Costa Vieira, poeta lírico, apaixonado pela “sensual” Ester-Alda, descrita como uma *virgem histérica e lasciva*. Todos imersos num ambiente de luxúria e luxo.

A personagem Lenita foi uma criação de Carneiro no segundo capítulo da novela. Teve vida curta e foi logo assassinada por Amado com uma descrição muito sutil no terceiro capítulo: “E sob o peso do auto, livrou-se do peso da vida”. (COSTA; CARNEIRO; AMADO, [1931?] p. 44).

Segundo Amado, a morte súbita de Lenita revoltou o seu amigo criador, que a reintroduziu no quinto capítulo como um fantasma a obcecar a vida de Alberto e Menéndez, e a comprometer toda a trama da novela (TATI, 1961, p.21). Os autores tentaram salvar as idéias dos capítulos precedentes, mantendo o fio dos seus próprios projetos literários. O resultado final dessa obra coletiva e heterodoxa, pelo menos sob o ponto de vista da fruição estética, parece ter desagradado a todos.

Certamente, deve-se a uma reputação tão infame o fato desse livro ter sido editado apenas uma única vez. Ao longo das últimas décadas o livro foi condenado a um ostracismo sistemático, talvez por estar excluído da bibliografia oficial do seu autor mais célebre. Não obstante o fato de que todos os seus autores lograram, em algum nível, reconhecimento público com as obras seguintes que não estão tão cronologicamente distantes da novela. É

curioso que em 1931, provavelmente no mesmo ano da edição de *Lenita*, Jorge Amado tenha ‘estreado’ com *O País do Carnaval*, um sucesso retumbante. Para os estudiosos mais credenciados de Amado, *Lenita* é apenas um resquício de sua pré-história literária. As considerações acerca de sua sobrevivência literária são parcas. *Lenita*, tal qual um fantasma (como o personagem principal do livro), vagou nas sombras das pouquíssimas páginas a ele dedicadas.

A novela foi para seu tempo um malogro literário, a tal ponto que seus próprios autores, leitores privilegiados, se referiram a ela poucas vezes e quase sempre com desdém. Quiçá por terem produzido em seguida, tanto na literatura como nas ciências sociais, obras de maior reconhecimento público. Mas nenhum juízo de valor pode gozar da prerrogativa de ser definitivo, o último. A história de um livro é a história de todas possíveis leituras e de todos possíveis leitores (CHARTIER, 1999). Ora, a manutenção física da obra é condição necessária, embora não suficiente, para abri-la a novas leituras, a novas práticas concretas de inteligibilidade e interpretação. O suporte, em qualquer de suas formas, o texto e as práticas de efetivação do sentido fazem a história do livro que é também a história de sua leitura. Daí a importância da preservação dessa obra que testemunha um período de efervescência cultural de profundas consequências em nossa história.



Capa do livro Lenita e Periódico O Momento Literário

Fonte: acervo do Cedec-BA

## PRESENÇA HISTÓRICA E PRESERVAÇÃO

A importância cultural que terá um livro, que chegou a ser publicado e distribuído, escapará sempre ao arbítrio do seu autor. Mesmo num tempo em que a performance do escritor em programas de auditório contribui significativamente nas vendas, nunca se poderá saber ao certo o que ocorrerá com a sua repercussão pública. Que de um livro o seu autor sinta orgulho ou vergonha, isto não deverá comprometer, pelo menos em definitivo, o seu vir-a-ser enquanto *ente* de uma cultura. O que um livro será como mercadoria cultural, o será à revelia do secreto sentimento que liga um autor ao seu produto. *Por onde circulará meu livro? Quem o lerá?* São perguntas ingênuas que perturbam a consciência de autores apaixonados, arrependidos ou simplesmente curiosos: “Uma das grandes curiosidades de minha vida é saber se alguém comprou este livro” (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 21). A história da cultura, ocupada apenas com o que considera relevante, responderá na maioria das vezes com o silêncio a respeito de tão idiossincráticas dúvidas. Talvez com algum interesse e pesquisa seja possível conhecer apenas alguns sinais desse destino, especialmente aqueles que despontarão do crivo dos críticos, historiadores e eruditos, que darão prova de posse e testemunho do gosto. Escreverão, bem ou mal, para declarar bom ou mau um livro. E com isso influenciarão, mais ou menos, com os seus comentários o destino de um livro, sem jamais traçá-lo de um modo definitivo. Pelo menos durante o tempo em que durar fisicamente a obra. Ora, a existência do texto, qualquer que seja a base, é quase uma condição lógica para a sua existência enquanto presença histórica. Só é possível interpretar um texto na medida em que, de algum modo, ele esteja cifrado numa linguagem inteligível em um suporte qualquer.

A consagração pública é, quase sempre, o escopo pretendido pelos autores. Senão por eles próprios, pelos editores e demais agentes culturais interessados no sucesso de uma publicação. Essa consagração não coincide com o assentimento universal e perene, nem com um eventual êxito nas vendas, pois em geral o que se espera de um livro é uma aceitação bem mais modesta da sua clientela potencial ou específica. Se, por quaisquer razões, em uma determinada conjuntura cultural, este objetivo não é alcançado, temos então uma parte de sua história cumprida e não seu destino último.

Um livro (ou uma edição) poderá vir a ser considerado importante num determinado período histórico por uma série de circunstâncias contingentes e por fatores externos que muitas vezes nem se relacionam diretamente com a produção da obra ou com aspectos intrínsecos de seu conteúdo. Aliás, poderá ser desqualificado e preterido também por motivos igualmente exógenos a ele. O que devemos seguramente garantir é que os livros sobrevivam materialmente para terem a mera possibilidade de um *devoir*. Falamos nesse ponto da conservação física dos livros como condição *sine qua* para o seu reconhecimento e sua história (ANDRADE; CANTALINO, 2003). A manutenção cultural de uma obra só poderá realizar-se por sobre o seu suporte material. Este deverá servir como testemunho das vidas humanas implicadas na sua produção e no seu uso, enquanto objeto cultural.

Atualmente ainda não existe uma estimativa do valor econômico dessa obra, tampouco é favorável seu valor literário, pelo menos na opinião dos críticos que já se manifestaram, entre os quais os próprios autores. Entretanto, para a biblioteconomia e para a história da cultura brasileira, especialmente da literatura baiana, trata-se de uma obra preciosa. A possibilidade de sua total extinção é um problema que inspira cuidados especiais. O simples fato dos autores dessa novela terem prosseguido, a partir dela, carreiras literárias profícuas<sup>5</sup> por si só justificaria o interesse cultural pela obra. Sobretudo porque a notoriedade de Amado ecoa nos cânones da literatura universal. O livro não foi bem avaliado por seus autores e críticos, mas isto não anula o fato de ter sido publicado. Considerar seriamente este fato é manifestar respeito à memória cultural deste país que, diga-se de passagem, nem sempre viveu de grandes ou notórias obras. Não nos parece uma boa opção ignorar intencionalmente uma obra para não macular a reputação de quem quer que seja.

O juízo mais razoável que poderá se erigir acerca de um autor deverá considerar o conjunto de sua obra, a totalidade do que ele escreveu, obviamente considerando em cada livro o seu momento próprio de aparecimento. Ressalvem-se as publicações póstumas, pois essas são realizadas, muitas vezes, negligenciando o projeto literário do autor, contrariando a sua vontade manifesta enquanto vivo. O mesmo não se pode dizer das obras de juventude. Se essas publicações foram editadas com o consentimento do autor, se possuem sua assinatura, deverão compor como parte do conjunto de sua obra. O quinhão de prestígio que um

---

<sup>5</sup> Dias da Costa exerceu durante muito tempo a carreira de jornalista, tendo sido colaborador em 1941 do *Anuário Brasileiro de Literatura*. Em 1939 publicou *Canção do Beco* e em 1960 *Mirantes dos Aflitos*. Já Edson Carneiro publicou trabalhos relevantes sobre a cultura baiana como: *Candomblés da Bahia* em 1977 e *Cidade do Salvador (1549)* em 1954 e outros.



determinado livro tem no conjunto de uma obra poderá ser ínfimo ou extraordinário. Só o leitor poderá julgar.

O livro comunica duas partes distintas: uma é objeto, coisa, matéria; a outra é pensamento, imagem mental, substrato imaterial. Sem a primeira a segunda desaparece. Ainda que reste sobre um livro uma infinidade de alusões, o seu conteúdo, aquilo que ele é além de tinta e papel, só será mesmo universalmente acessível através do suporte que é o seu genuíno ser, que não será, necessariamente, de tinta e papel.

Se de um livro restam apenas comentários e lembranças, se ele existe exclusivamente no domínio de uma linguagem falada, se é apenas um título conhecido, de um autor famoso ou de uma sinopse de enredo familiar, não será possível dar-lhe outra vez vida e encanto. Não se poderá dizer dele nada de novo. Estará morto, mesmo se for eternamente velado. Se essa obra estivesse desaparecida materialmente, a história da literatura brasileira perderia um importante ponto de origem para o justo julgamento, por exemplo, da obra de juventude de um dos seus mais bem sucedidos representantes: o amado Jorge (SANTANA, 1986).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um livro quando existe, mesmo que absolutamente esquecido ou propositadamente ignorado por todos os viventes, deixará sempre aberta a possibilidade de inusitadas ressurreições. Se houver integridade física que suporte o manuseio, todos os seus personagens poderão ser despertados das páginas em que silenciosamente adormeceram, ganharão uma vida atualizada pelos novos tempos e suscitarão imagens inéditas. Novos serão os leitores e distintas serão suas experiências privadas de leitura.

É próprio da cultura essa capacidade de reelaborar constantemente o diverso, o heterogêneo, o singular. Então, não se poderá jamais antedatar um livro à revelia de uma cultura vindoura. Enquanto existirem livros susceptíveis de serem lidos, novos testemunhos serão sempre possíveis. Na história humana acumulam-se os exemplos do que já perdeu a importância que outrora tinha, bem como do que, após o desprezo severo de seu tempo, logrou o prestígio póstumo. Nada nos garantirá, no âmbito da cultura, a alternância ou permanência de valores e juízos estéticos.

Alguns dos *raros* exemplares do livro aqui tratado ainda sobrevivem e certamente contrariam àqueles que veem nesses livros uma mácula indesejável nas carreiras literárias de seus criadores. Acreditamos que *Lenita* é – além de um documento histórico valioso para

nossa cultura, por testemunhar os primórdios da criação dos seus autores – uma obra literária como qualquer outra, que merece ter assegurada a sua existência, para que as futuras gerações tenham o direito de também apreciá-la.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ricardo Henrique Resende de Andrade; CANTALINO, Maria das Graças Nunes. A raridade como questão epistemológica e política: um novo paradigma para os curadores de acervos especiais. In: ENCONTRO NACIONAL DE OBRAS RARAS - ENAR, 6., 2006, Rio de Janeiro. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrum*. São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COSTA, Dias da; CARNEIRO, Edson; AMADO, Jorge. *Lenita*. Rio de Janeiro: A Coelho Branco Filho, [1931?].

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galete de (Orgs.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. 2 v.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. “A Biblioteconomia de livros raros” no Brasil. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, Porto Alegre, v.5, p. 45-50, jan./dez., 1990.

\_\_\_\_\_. *Que é livro raro? uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade documental*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1989.

RIBEIRO, Alves. *A literatura do sexo. Momento literário*, [Salvador], 1931.

RUBIM, Rosane; CARNEIRO, Maried (Orgs.). *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*. Salvador: FCJA, 1992.

SANTANA, Valdomiro. *Literatura baiana 1920-1980*. Rio de Janeiro: Philobiblion; Brasília, INL, 1986.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.